

# HUMANISMO E CIDADANIA: UM PROJETO DE VIDA DENTRO DA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

JOÃO LUIZ CORREIA JÚNIOR\*

**Resumo:** Todas as pessoas se deparam com um problema central: o da própria humanização, em nível pessoal e social. Nesse processo, somos desafiados a conhecer a nós mesmos e a realidade social que nos cerca. Somos chamados a conhecer e desenvolver as nossas potencialidades e talentos para transformar, recriar continuamente o mundo em que vivemos. Nesse processo do conhecimento, um dos mais apaixonantes serviços prestados em todas as culturas de todos os tempos tem sido o da educação. Por meio dela, o ser humano vem-se humanizando: enquanto se aprimora em determinadas áreas do conhecimento, é sensibilizado a, de forma criativa, prestar serviço qualificado à promoção da vida socioeconômica, cultural e ambiental, a partir da realidade em que está inserido. Problematizados por tais desafios e encantados por tão apaixonante missão educacional, queremos refletir, neste artigo, sobre a importância da formação humanista e cidadã no seio de Universidades que, tal como a UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco), têm como fundamento de sua prática pedagógica a fé e o compromisso com os valores cristãos.

**Palavras-chave:** educação; humanização; universidade.

## HUMANISM AND CITIZENSHIP: A LIFE-LONG PROJECT WITHIN UNIVERSITY TEACHING

**Abstract:** Everyone encounters a central problem: that of humanization itself, both at the personal and social level. During this process, we are challenged to know ourselves and the social reality that surrounds us. We are called on to recognize and develop our potential and talents in order to transform and re-create the world in which we live. During this recognition process, one of the most thrilling services rendered in all

---

\* João Luiz Correia Jr. nasceu no Recife – PE., em 1957. É mestre e doutor em Teologia, com concentração na área bíblica. Leciona na Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, como professor titular do Departamento de Teologia e Ciências da Religião.

societies throughout the ages has been education. Through it, human beings have been getting humanized: while it is being perfected in certain areas of knowledge, it is being sensitized in order to render, in a creative way, formally qualified service to the promotion of socio-economic, cultural and environmental life, based on the reality in which it is found. Problematized by such challenges, and under the spell of such a thrilling educational mission, we wish to reflect, in this article, on the importance of humanist teaching and learning for citizenship as being at the core of Universities, which, like UNICAP (Universidade Católica de Pernambuco – the Catholic University of Pernambuco), have their pedagogical practice founded on faith and the commitment to Christian values.

**Key-words:** education; humanizing; university.

## INTRODUÇÃO

O humanismo tem repercussões diretas não só na forma de se conceber o ser humano, como também na busca da melhor convivência humana, por meio do compromisso inabalável com a construção da sociedade dos nossos sonhos (cidadania).

Mas o que se entende por Humanismo e Cidadania? Que implicações tem esse tema com a formação universitária? Qual o relacionamento do tema com a reflexão teológica (Teologia)?

O presente artigo quer aprofundar a reflexão sobre valores fundamentais para a formação humana e cidadã a partir da concepção pedagógica comprometida com transformações sociais que viabilizem o bem comum; quer também ajudar a refletir sobre a pertinência do estudo e da pesquisa do tema “Humanismo e Cidadania” na formação universitária.

A UNICAP, enquanto universidade de confissão religiosa filiada a AUSJAL (Associação de Universidades confiadas à Companhia de Jesus na América Latina), “busca inspiração na visão cristã do mundo e do ser humano, onde cada ser humano é considerado como tendo um valor único e mesmo infinito, como imagem e semelhança de Deus... Assim, esse humanismo cristão é um humanismo social...

Isso vale para o plano interpessoal, pela aprendizagem dos valores da solidariedade, da justiça social e da cidadania, mas também, num plano mais amplo, na abertura para o mundo, para os grandes desafios da região, do país, do continente, do planeta e para os problemas de cultura e de sociedade presentes a esta passagem de milênio” (Ante-projeto do Projeto Pedagógico da Universidade Católica de Pernambuco).

Aprofundemos, portanto, tal reflexão...

## I. O QUE É HUMANISMO E CIDADANIA?

A reflexão sobre esse tema deve partir ou levar a uma pergunta fundamental: o que é o “ser humano” ?

Biologicamente, é um animal racional, bípede e mamífero, que ocupa o primeiro lugar na escala zoológica. Etimologicamente, a palavra “homem” vem do latim, homo, que significa “nascido da terra”; húmus, da mesma raiz, é uma terra especial, fértil, produtiva, não uma terra qualquer, o que nos levaria a considerar no homem seu caráter distintivo e superior, ainda que partilhe com os outros seres de uma mesma natureza. O vocábulo alemão equivalente, *mensch*, significa justamente “ser pensante”.

O ser humano é um ser corpóreo, vivo, animado, inteligente, livre, que usa outros seres para sua subsistência, que se relaciona com seus semelhantes. Mas o que o distingue dos animais é a capacidade de pensar abstratamente, de refletir e querer livremente.

A dignidade humana se revela no exercício da liberdade. De fato, o progresso para a humanidade não é assegurado automaticamente pelo desenvolvimento da ciência, da técnica, da indústria, da economia. Tudo isso é necessário, mas, ao mesmo tempo, a humanidade precisa trabalhar em prol de uma vida humana digna para todos. A liberdade é a dignidade humana, e o trabalho é a condição da liberdade.<sup>1</sup>

Ser livre não é apenas o dever e o direito de exercer a capacidade de escolha; mais que isso, é o direito e o dever de optar corretamente, isto é, optar pela totalidade do ser, pela autenticidade, pela permanente humanização de si mesmo e do mundo. Quando o ser humano escolhe realmente o que é, realiza sua vocação, sente-se em harmonia consigo mesmo, conhece o bem e a paz interior. Esse é um processo contínuo e progressivo: cada ato causará no ser humano maior consciência de ser aquilo que deve ser, quanto mais humana for a sua ação, isto é, quanto mais adequadamente estiver a serviço da construção dos demais seres humanos.<sup>2</sup>

## **1. O sentido e o desenvolvimento do “humanismo” ao longo dos séculos**

*O termo humanismo, usado pela primeira vez em 1808 pelo estudioso alemão F. J. Niethammer, deriva do termo humanista, usado no tempo da Renascença para indicar um professor universitário ou um estudante de studia humanitatis.*<sup>3</sup>

É, portanto, um termo que tem suas origens no meio universitário, com o objetivo de pensar o ser humano em seus valores fundamentais, em níveis antropológico, social e cultural. Caracteriza-se pelo estudo dos grandes autores da cultura clássica, grega e romana, dos quais tenta imitar as formas literárias e assimilar os valores humanos. Desse modo, o humanismo não foi somente um movimento que gerou entusiasmo acadêmico, pois estava também ligado à busca dos desenvolvimentos intelectual, ético e moral.

Os ideais humanistas foram-se desenvolvendo ao longo do segundo milênio da história ocidental. Tem suas raízes nos séculos XIII e XIV; alcança o esplendor durante os séculos XV e XVI e continua irradiando luz nos séculos XVII e XVIII.

É o que veremos a seguir:<sup>4</sup>

## **1.1 O humanismo especulativo-filosófico**

O humanismo filosófico caracteriza-se pelo conjunto de princípios doutrinários referentes à origem, natureza e destino do ser humano. É humanista, filosoficamente, toda doutrina que atribui ao ser humano algo de característico, de específico em relação aos outros seres do universo. Assim, há vários humanismos, com suas diversas perspectivas:

- o humanismo antigo, grego e romano, que exaltava do ser humano, sobretudo os valores de beleza, força, harmonia, virtude, heroísmo, gênio, etc;
- o humanismo cristão, que realça o valor do homem como pessoa, isto é, como princípio autônomo e individual de consciência e responsabilidade, aberto à plenitude do ser e ultimamente orientado para Deus;
- o humanismo de Descartes, Kant, Hegel, que faz da subjetividade do homem o ponto de partida, o centro de perspectiva e construção de toda a realidade;
- os humanismos contemporâneos, cada qual com sua concepção e suas reivindicações para a mulher e o homem de hoje.

## **1.2 O humanismo ético-sociológico**

O humanismo ético é o humanismo prático, que visa a tornar-se realidade, costume e convivência social. Um humanismo puramente teórico pode tornar-se ópio dos intelectuais e traição do ser humano, sobretudo daquelas pessoas que ainda não conseguiram desfrutar da “condição humana”.

Tendo isso presente, podemos afirmar que:

a) o ser humano é sempre fim, nunca meio.

A doutrina humanista é aquela que atribui ao ser humano, à sua realização na sociedade e na história, o valor de fim (no sentido de “objetivo último”, “finalidade”).

Nessa perspectiva, não esquecer que dois elementos são fundamentais: a) que tudo está subordinado ao ser humano, em níveis individual e social; b) que o ser humano não seja considerado como meio ou instrumento para algo fora de si.

Com isso, o que se quer afirmar é o ser humano como fim e não como instrumento. Isso coloca o ser humano não só como valor, mas como valor absoluto. Representa um valor em si e por si mesmo.

Também o meio, o mero instrumento, pode ser considerado um valor. O dinheiro é um excelente exemplo. Tem seu valor, mas é relativo, porque ele não é cobiçado por si (a não ser por alguns avarentos maníacos), mas como um meio, como um instrumento para a aquisição de outros valores, tais como comodidades, prazeres, honras, poderes...

O ser humano, pelo contrário, nunca pode ser considerado como meio para outro fim. Ele é um valor absoluto. O que não significa que ele seja o valor último ou o Absoluto.

b) O ser humano não deve ser apenas respeitado, mas promovido.

Quando o ser humano, em sua vida cotidiana, na convivência social, é considerado como fim, como valor absoluto?

Para muitos, cumprir o seu dever para com o próximo consiste em não o prejudicar ou em não o desrespeitar. Evidentemente, essa é uma forma que não deve ser depreciada. Oxalá ela fosse sempre praticada! Mas não basta.

Contudo, o ser humano é considerado valor absoluto

quando, além de não lesado, é promovido em seus direitos inalienáveis. E isso é feito somente por meio do amor. O amor autêntico, verdadeiro, desinteressado parece ser a única forma de relacionamento social em que a prerrogativa de o homem ser fim e não meio é reconhecida e realizada. O amor, bem longe de diminuir ou abater a personalidade do “tu”, revela-a, destaca, potencia e faz vibrar como em nenhuma outra experiência. O amor é, em certo sentido, o que cria a pessoa, isto é, que a desperta para seu valor e a dinamiza para sua realização. O amor é, segundo a interpretação do Apóstolo Paulo, sobre a mensagem de Jesus, a única Lei capaz de estabelecer relações autenticamente humanas.

É amando, portanto, que o ser humano se realiza enquanto pessoa e se torna mais humano à medida que ama. Isso vale tanto para quem ama, quanto para quem é amado. A pessoa tem consciência de si como valor, sobretudo quando se sente amada, isto é, quando toma conhecimento experimental do seu valor, porque sente ser, valer algo para alguém...

*Em suma, há uma forma negativa de reconhecer o valor absoluto do ser humano: abstendo-se de qualquer ato que ofenda essa prerrogativa. Há também uma forma positiva que, vinculada às normas da justiça, promove a dignidade do ser humano. Mas o pleno reconhecimento da prerrogativa humanista, de ser fim e valor absoluto, parece realizar-se unicamente pelo amor.*

- c) A promoção do humano, por meio do amor, gera liberdade.

O amor verdadeiro se dirige ao ser humano, do jeito que ele ou ela é, na perspectiva do como deveria ser. O amor quer a pessoa amada sempre mais saudável, mais bela, mais consciente, mais dotada de poder, mais feliz: em síntese, a mais realizada possível.

Portanto, se querer ao outro como fim é amá-lo, querer ao outro como fim é querer a sua máxima realização: realização plena de suas faculdades, de suas potencialidades, de suas aspirações. Realização plena, sobretudo, de sua liberdade, que é a característica e o constituinte da pessoa.

Mas, qual o sentido da palavra “liberdade”?

*Todos os seres vivos gozam da **liberdade biológica**, espontaneidade. Consiste no fato de o ser vivo determinar-se por si próprio às suas ações, sem necessidade de impulsos externos. Há a **liberdade psicológica**, ou a liberdade de escolha, de opção. O poder de autodeterminar-se entre duas ou mais alternativas.*

O animal, desse modo, é espontâneo em seus movimentos instintivos, mas não tem poder de controlá-los, porque não tem poder de escolha: sentindo fome, não deixará de lançar-se sobre a comida que lhe é oferecida. O ser humano, pelo contrário, é movido pelos instintos, mas não necessariamente: ele pode dominá-los pela liberdade.

É por essa liberdade que a pessoa tem o grande privilégio, negado a todos os outros seres: o de criar-se, decidir de sua existência e de seu valor, determinar seu destino terreno e eterno. Mas este magnífico poder, que é a liberdade psicológica, torna-se ilusório e fictício e causa frustrações humanizantes, se o ser humano não tem condições de apresentá-lo e concretizá-lo nos fatos.

A liberdade psicológica, de forma mais ou menos perfeita, sempre foi prerrogativa e característica humana. **A liberdade real**, contudo, ainda não se realizou plenamente. Não basta afirmar que o ser humano é livre. É preciso torná-lo livre. É inútil proclamar a humanidade como fim se, de fato, é constantemente instrumentalizada. Está na hora de aplicar as energias humanas para efetivar a liberdade real. Por exemplo, nada adianta ao jovem universitário optar livremente pela profissão desejada, se não tem recursos para realizar suas aspirações, se lhe falta tudo, até a passagem

para ir à universidade. É necessário lutar por meios que viabilizem não só o ingresso do aluno, mas a sua permanência na universidade.

Resumindo, valores ou ações podem ser qualificados como “humanistas” na medida em que o ser humano é tratado como fim, e não como meio para se atingirem fins escusos. Valores e ou ações humanistas vêem no ser humano o objetivo e meta de todas as atividades e de todas as instituições, no sentido de possibilitar-lhe a realização mais plena e perfeita possível de sua humanidade e personalidade, isto é, de sua liberdade. Tal liberdade não será possível a não ser numa convivência social que se fundamente no amor. Humanismo, portanto, é a práxis (confronto entre teoria e prática) por meio da qual o ser humano constrói a sua dignidade ao longo da história, na medida em que atua em prol da vida no meio social e no meio ambiente em que está inserido.

## **2. O sentido e o desenvolvimento do conceito de “cidadania”**

Desde as décadas de 80 e 90, a palavra cidadania está sendo cada vez mais falada na sociedade brasileira. Tudo começou com o Movimento pela Ética na Política, que deu pelo menos dois grandes frutos: o processo de “impeachment” de Fernando Collor e a Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida.

Mas o que é cidadania? Como essa prática se foi desenvolvendo ao longo dos séculos? É o que veremos a seguir.

### **2.1 O sentido do termo**

Para Herbert de Souza, o sociólogo conhecido como Betinho, “Cidadania é a consciência de direitos democráticos, é a prática de quem está ajudando a construir os valo-

res e as práticas democráticas. No Brasil, cidadania é fundamentalmente a luta contra a exclusão social, contra a miséria, é mobilização concreta pela mudança do cotidiano e das estruturas que beneficiam uns e ignoram milhões de outros. É querer mudar a realidade a partir da ação com os outros, da elaboração de propostas, da crítica, da solidariedade e da indignação com o que ocorre entre nós.”<sup>5</sup>

Cidadão é, portanto, a pessoa que tem consciência de seus direitos e deveres humanos e participa ativamente de todas as questões da sociedade. Um cidadão com sentido ético forte e consciência de cidadania não abre mão desse poder de participação.<sup>6</sup>

## **2.2 O desenvolvimento do conceito ao longo dos séculos**

No mundo de cultura grega e romana, a noção de cidadania estava ligada exclusivamente ao habitante da cidade (pólis), às cidades-estado, como foram a Grécia e Roma, capitais de longos domínios ou impérios. A extensão das terras dominadas formava territórios, organizados por uma administração centralizada. A pólis era uma cidade autônoma e soberana, mas os civis ou cidadãos eram apenas aqueles incluídos num quadro institucional representado pelas magistraturas, por um conselho e por uma assembléia de homens livres. Cidadão, nesse contexto, era quem possuía status (riqueza, poder e prestígio), o que garantia privilégios sociais. Os demais eram considerados apenas habitantes, povo em geral. Não houve, nessa época, uma reflexão mais profunda sobre os direitos e deveres de cada cidadão.

Desde a Revolução Francesa, cidadania é a forma de as pessoas se tratarem umas às outras na cidade. Está relacionado com o compromisso com os outros, respeito e promoção da vida onde todos são iguais.

Hoje, a cidadania possui uma concepção mais ampla. Tem a ver com os direitos civis e políticos, direitos do con-

sumidor, direitos à vida digna (através de políticos e movimentos sociais). Tem a ver com o apreço que o Estado deve ter para com o contribuinte, devolvendo os impostos arrecadados sob forma de políticas sociais em prol da educação, saúde, segurança pública, saneamento básico, preservação da cidade, etc. A cidadania, portanto, está intimamente relacionada com a altivez, a liberdade e a dignidade humana de cada cidadão / cidadã.

Uma sociedade democrática é uma relação entre cidadãos e cidadãs. É aquela que estimula e se fundamenta na autonomia, independência, diversidade de pontos de vista e sobretudo na ética. Ética, nesse sentido, é um conjunto de valores ligados à defesa da vida e ao modo como as pessoas se relacionam, respeitando as diferenças e defendendo a igualdade de acesso aos bens coletivos.

A cidadania figura na Constituição Brasileira (Art. Primeiro, II) como princípio fundamental, estabelecendo ainda como direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância e a assistência aos desamparados (Art. Sexto, II).

Concluindo, a prática da Cidadania nasce da consciência dos direitos e deveres; é a prática de quem está ajudando a construir valores que contribuam com o aumento dos níveis de alforria do ser humano. No Brasil, cidadania é fundamentalmente a luta contra a exclusão social, contra a miséria; é a mobilização concreta pela promoção da vida e pela construção de estruturas voltadas para o bem-estar social da maioria. É querer mudar a realidade a partir da ação com os outros, da elaboração de propostas, da crítica, da solidariedade e da indignação com o que ocorre entre nós. Cidadania é, portanto, o direito a ter direitos e o assumir ter deveres sociais.

Como percebemos, humanismo e cidadania são como que duas faces da mesma moeda. Ações humanistas constroem a cidadania na medida em que possibilitam ao ser

humano a realização mais plena possível de sua dignidade, dentro da convivência social baseada na solidariedade e no compromisso com a promoção da vida. Na sua tarefa social de propiciar a igualdade, a integridade, a liberdade, os direitos e deveres humanos, a cidadania é uma prática humanista. A partir da importância dessa reflexão, elaborou-se uma pesquisa em torno do tema HUMANISMO E CIDADANIA, voltada para o meio universitário, com o intuito de contribuir para o aprofundamento da consciência e do compromisso social em prol do bem-comum, elemento fundamental para o crescimento de todo ser humano que busca sentido para a vida.

## **II. HUMANISMO E CIDADANIA NOS FUNDAMENTOS DO CRISTIANISMO**

O incentivo à reflexão em torno dos valores inalienáveis da pessoa humana (tão defendidos pelo HUMANISMO) bem como a promoção das implicações práticas desse humanismo no meio social (CIDADANIA) são algo fundamental no magistério da Igreja e de suas Instituições (incluam-se, nesse meio, as Universidades Católicas).

Tal magistério tem a missão de dar um acompanhamento permanente às pessoas, inclusive no que se refere à formação cristã. Motivadas por tal formação contínua, as pessoas devem sentir-se animadas a prestar serviço amoroso e qualificado em prol do bem comum da sociedade em que estão inseridas. Para tanto, a Igreja busca inspiração no seu princípio e fundamento: Jesus de Nazaré, o Cristo.

Os fundamentos da concepção cristã sobre o valor da dignidade humana (humanismo) e seu compromisso com o bem comum (cidadania) estão presentes: a) na pessoa de Jesus (na sua prática cotidiana de compromisso com a restauração da vida, segundo o projeto do Pai (Reino de Deus); b) na concepção da Igreja sobre Jesus, o Cristo de nossa fé.

## 2.1 O humanismo do Jesus histórico

O que surpreende nos traços que definem a personalidade de Jesus é justamente a combinação de elementos comuns e excepcionais. Ele é um carpinteiro de Nazaré da Galiléia que vive num contexto cultural e familiar como um homem comum, que se defronta no cotidiano com o problema da fragilidade humana. Contudo, a partir dessa fragilidade, Jesus trabalha na perspectiva de refazer e reforçar vidas humanas, pessoas até então marginalizadas e excluídas, devolvendo-lhes a dignidade e a vontade de viver comunitariamente.

O humanismo de Jesus é um humanismo prático, situado historicamente no contexto em que vive. Ele está inserido num contexto (social, político, econômico e cultural) agitado e tenso. Sob o controle policial dos servidores do Templo e a vigilância atenta das altas instâncias político-religiosas, Jesus atua bem no foco do campo de forças conflitantes que opõem o fausto do Templo à fome das massas; o enriquecimento de minorias privilegiadas, ao abandono flagrante das maiorias.

*Ao restaurar vidas humanas e restabelecer relações comunitárias, Jesus fortalece relações socioculturais no microcotidiano da periferia do Império Romano. Na ótica da fé, Jesus abre espaço para a revelação de Deus ao abrir um caminho salvífico para um grupo de discípulos e discípulas, para os quais procura dar uma formação que poderíamos denominar de pedagógico-libertadora.*

O discipulado de Jesus vai sendo formado gradativamente no seguimento de Jesus, ao trilhar o caminho da prática de Jesus. Tal prática vai-se configurando como paradigma, modelo por excelência para o agir cristão.

O jeito de Jesus ser humano inspira a práxis das primeiras comunidades cristãs. Mas o que a prática humanitária de Jesus tinha de tão especial? Albert Nolan dá uma resposta interessante:<sup>7</sup>

*Talvez porque todos viam em suas ações uma profunda COMPAIXÃO, algo tão profundo que só podia vir de Deus. Isso está dito em várias passagens dos Evangelhos: "...viu uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles" (Mc 6, 34); Ele foi tomado de compaixão pela situação e pelas lágrimas da viúva de Naim (Lc 7, 13), teve compaixão de um leproso (Mc 1, 41), do cego Bartimeu que gritava: "Filho de Davi, tem compaixão de mim" (Mc 10, 48), e daqueles que não tinham o que comer (Mc 8, 2 par.). Em várias passagens, mesmo quando a palavra não é empregada, podemos sentir o movimento de "compaixão". Muitas e muitas vezes diz às pessoas: "Não chore", "Não se preocupe", "Não tenha medo" (por ex. Mc 4, 40; 5, 36; 6, 50). Ele não se comovia com a grandeza das vastas construções do Templo de Jerusalém (Mc 13, 1-2), mas sim com a pobre viúva que dava seu último centavo para o tesouro do Templo (Mc 12, 41-44). O que tornou diferente o bom samaritano da parábola foi a compaixão que sentiu pelo homem deixado semimorto à beira da estrada (Lc 10, 33). O que tornou diferente o pai amoroso da parábola foi o excesso de compaixão que sentiu por seu filho pródigo (Lc 15, 20).*

*O que tornou Jesus diferente foi a compaixão sem limites que ele sentiu pelas pessoas empobrecidas, oprimidas e excluídas.*

A palavra da língua portuguesa "compaixão" é fraca demais para exprimir o sentimento que movia Jesus. O verbo grego *splagchnizomai*, usado em todos esse textos acima citados, é derivado do substantivo *splagchnon*, que significa intestinos, vísceras, entranhas, ou coração, ou seja, as partes internas das quais parecem surgir as emoções fortes. O verbo grego, portanto, significa movimento ou impulso que brota das próprias entranhas da pessoa, uma reação das tripas. É por isso que os tradutores precisam lançar mão de expressões como "ele foi tomado de compaixão ou piedade", ou "ele sentiu piedade", ou

“seu coração se comoveu com eles”. Mas nem mesmo essas expressões conseguem captar o profundo sabor físico e emocional da palavra grega para compaixão.

*O sofrimento das pessoas concretas causava tal sentimento em Jesus. A compaixão, portanto, é uma reação que nasce do mais profundo da dignidade humana, quando essa mesma dignidade é ameaçada, desrespeitada ou agredida de alguma forma. É, portanto, algo divino, maravilhoso, que precisamos cultivar em nós, tal como Jesus o cultivou em si mesmo.*

Onde Jesus encontrou inspiração para a sua prática solidária, cheia de compaixão?

Podemos apresentar duas respostas para essa pergunta. Uma pode estar na situação de penúria e nas expectativas do povo da Palestina no tempo de Jesus. Outra resposta pode estar na cultura religiosa em que Jesus estava inserido, sobretudo nas Sagradas Escrituras.

### **a) A situação de penúria e as expectativas do povo**

Nas narrativas dos Evangelhos, Jesus demonstra estar consciente das contradições que minam a estabilidade do sistema: por um lado, o Império Romano que busca solidificar as bases de sua dominação no Oriente Médio, utilizando um forte sistema de tributação; por outro lado, o mal-estar social criado por tal dominação gera um período de efervescência popular e põe em questionamento a credibilidade e o prestígio das autoridades judaicas, cuja imagem se vai desgastando... Ressurge a esperança messiânica no seio do povo; um justo apareceria como consolo para Israel; ele iria trazer a libertação do povo.

O quadro era desesperador. A economia “primitiva” das aldeias da Palestina caracterizava-se pelo sistema de reciprocidade: entre os membros de uma família com sua parentela, as mercadorias eram livremente distribuídas e os

serviços também livremente prestados. Ao lado desse sistema, o povo de Israel conheceu o sistema de redistribuição, que melhor deveria ser chamado de “apropriativo”: os produtos eram armazenados no templo e controlados pela aristocracia sacerdotal ou pelo rei. Tratava-se da arrecadação principalmente de cereais e também de frutas secas, azeitonas, vinho, linho, peixe, animais domésticos e alguns selvagens.

Os romanos, ao dominarem a Palestina, não eliminaram o sistema “apropriativo” já existente; usaram-no de maneira eficaz para seus interesses econômicos. Apropriavam-se antecipadamente do lucro mediante tributos e o controle do comércio das mercadorias. Enquanto isso, não se interessavam em criar uma infra-estrutura para aumentar a produção na região. Além disso, a Palestina estava economicamente estagnada devido à baixa produtividade. O pequeno poder de compra era controlado pelas elites proprietárias de terras e centralizadas nas áreas urbanas. Os camponeses endividados perdiam suas terras e se convertiam em mão-de-obra liberada (são os operários contratados por um dia, que aparecem nas parábolas contadas por Jesus). Está aberto o caminho para a exploração da maioria e para a concentração da riqueza (terra e lucro) nas mãos de minórias já abastadas.

Tal situação causava permanente descontentamento das populações marginalizadas, sobretudo na Galiléia, uma das regiões mais férteis e, conseqüentemente, mais afetadas pela política de dominação romana. Ali houve até resistência armada: centenas de judeus foram esmagados pelas tropas romanas. Daí, possivelmente, o provérbio que circulava de boca em boca naquela época: “De Nazaré (quer dizer, da Galiléia) pode sair alguma coisa boa?” (cf. Jo 1,48; 7,52).

Jesus deve ter-se questionado profundamente por essa situação, até porque a região em que passou sua vida oculta (infância, adolescência e juventude), e iniciara sua vida

pública (seu ministério), era justamente a Galiléia. Nesse contexto conflituoso, ele toma posição clara: põe-se ao lado das vítimas de injustiças e doenças, que sofrem mil dissabores e não podem fazer valer seus direitos neste mundo. Sua prática será uma réplica à ambição hegemônica dos sacerdotes e uma resposta às expectativas messiânicas dos pobres; será uma denúncia da corrupção e da hipocrisia, mas também será elaboração positiva das aspirações profundas a viver de maneira diferente, de forma justa e humana.<sup>8</sup>

## **b) A cultura religiosa de Jesus**

Jesus era judeu, religioso praticante, que tinha o costume de ler as Sagradas Escrituras em dia de sábado. Questionado pela dura realidade do seu povo, Jesus busca, no colóquio com Deus (oração) e na reflexão a partir das Sagradas Escrituras, o alento espiritual e o discernimento para a sua prática humanista comprometida com a construção do Reino de Deus, onde os tentáculos do Reino de César demonstravam toda a sua cruel desumanidade.

O povo da Palestina, em sua expectativa messiânica, sonha com uma boa autoridade (um rei generoso, humano, idealizado na pessoa do rei Davi) que possa conseguir paternalisticamente aquilo que o povo renuncia a conseguir por si mesmo. Jesus contrapõe a tal concepção de poder centralizado outra concepção: a de um poder “diakonia”, serviço.

Apoiando-se na tradição profética e na piedade dos Salmos (cf. Jr 2, 30; 5, 17; Is 56, 11; Ez 34, 3; Sl 53...), Jesus prefere permanecer no meio do povo, junto com aquelas pessoas que são devoradas pelos poderosos (“os malvados comem o meu povo como se devora o pão” Sl 14, 4). Jesus prefere o caminho de uma solidariedade com as massas. É desse “lugar” marginal (periférico), onde estão as pessoas excluídas da vida e da dignidade humana, que Je-

sus anuncia a Boa-Notícia da irrupção no presente do Reino de Deus.

Tal Reino, esperado para o tempo salvífico como um dom do céu, irrompe definitivamente na história com um forte apelo à sensibilidade e à postura ética, em vista de sua concretização. Desse modo, a mensagem de Jesus se estrutura basicamente em torno de dois pólos dinâmicos: a iminente vinda do Reino e o caráter radical da exigência de Deus a se converter e a entrar na sua dinâmica. De um lado, está o Reino como dom escatológico, isto é, definitivo e último da salvação, oferecido gratuitamente por Deus sem mediação de nosso esforço para obtê-lo; de outro lado, o apelo insistente a cada um para que se ponha em marcha rumo ao reino e prepare-o, assumindo o esforço transformador de nossa história que o próprio Reino simultaneamente motiva, promete e supõe.<sup>9</sup>

Essa concepção dinâmica da chegada do Reino está perfeitamente coerente com as Sagradas Escrituras. Assim, o Sl 78 apregoa que “Deus se levanta para julgar, para salvar todos os humildes da terra (vv. 9-10). De modo que a proclamação do Reino remete à ação universal de Deus em favor dos mais pobres, como manifestação de sua transcendência: Reino irreduzível, por outro lado, aos planos ou à política dos impérios terrenos que prestam muito pouca atenção a esse setor da humanidade formado pelas pessoas “humildes da terra”. Essa idéia da peculiar soberania de Deus, que se afirma na história através da figura paradoxal da identificação do Deus de Israel com as pessoas mais fracas (Ex 3), é não só uma constante de todo o Antigo Testamento, como também será o tema-chave, unificador da mensagem dos atos de Jesus.

Mas a originalidade de Jesus consiste em relacionar os sinais do Reino com a sua própria pessoa e em radicalizar suas exigências. Na ótica de Jesus, o Reino irrompe na história para questioná-la e projetá-la rumo a um futuro diferente. Daí procede a proclamação do começo do tempo

escatológico definitivo, assim como das conseqüências ético-espirituais válidas para o agora. As exigências éticas de Jesus (sua prática humanista comprometida com a inclusão social) revelam, pois, a Deus indiretamente; elas querem mostrar quem é Deus. Por trás do ensinamento e da prática de Jesus, manifesta-se a santidade e a glória de Deus: só Deus é o Senhor e Rei absolutamente falando.

## **2.2 A concepção da Igreja sobre Jesus, o Cristo**

Jesus abre espaço e torna presente a utopia do Reino de Deus, como libertação de todas as formas de alienação da vida, e de todas as formas de escravidão humanas (desumanizações).

Para as pessoas que crêem no Cristo Jesus, a irrupção de Deus na humanidade se dá no mistério da Encarnação. Deus se faz carne humana na pessoa de Jesus: “E a Palavra se fez carne e pôs sua morada entre nós” (Jo 1, 44). O termo “carne”, em linguagem bíblica, significa o ser humano, às vezes com nuances de debilidade. O evangelista João, nesta breve frase, sintetiza o tema do esvaziamento de si mesmo que Paulo desenvolve amplamente em Fl 2. A “Palavra” entrou na história, assumiu a condição humana, inclusive em seu aspecto mais frágil no que concerne à indigência material: “Sendo rico, fez-se pobre por vós” (2 Cor 8, 9).

Somos todos convidados(as) a assumir o projeto proposto pela Palavra que se faz carne. Quem o faz recebe o dom da filiação divina. Esse dom nos introduz no caminho de Jesus e nos faz participar do poder de Deus, que revigora o ser humano por dentro e dá novo sentido à sua vida. Jesus veio para isso: trazer vida e vida plena (cf. Jo 10,10), isto é, vida em todas as dimensões.

Confessar Jesus como o Cristo é, portanto, testemunhá-lo no cotidiano da história, por meio de um discipulado comprometido com a plenitude da vida. É parti-

cipar de um processo de humanização que está presente desde a origem (gênesis) e que tem como fim refletir a própria imagem de Deus: “Deus criou o homem [humanidade] à sua imagem“ (Gn 1, 27).

A fé em Jesus Cristo é um processo, algo que se vai aprimorando à medida que enveredamos pelo caminho do seguimento de Jesus, caminho de humanização. Num primeiro momento, o testemunho da fé se concretiza na indignação, que aguça gradativamente a consciência contra toda e qualquer forma de alienação e ou exclusão social. Em seguida, o testemunho da fé leva à práxis do amor, por meio do compromisso solidário com transformações que viabilizem relações sociais comprometidas com a vida em plenitude para todos.

A fé no Cristo ressuscitado se expressa como ato recriador do projeto inicial do Deus da Vida; é a afirmação da esperança de que é possível manter-se no caminho de Jesus, isto é, no caminho que reconduz a humanidade ao seu destino: ser verdadeiramente imagem e semelhança de Deus. Tal caminho passa necessariamente pelo exercício cotidiano do humanismo e cidadania.

### **III. HUMANISMO E CIDADANIA NA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA**

Na perspectiva de uma pedagogia alicerçada no humanismo e na cidadania, à luz dos princípios evangélicos, percebe-se que as Universidades Católicas têm naturalmente a vocação de contribuir com a missão evangelizadora da Igreja no mundo.

No sentido estrito da palavra, a “Universidade” (de universus, totalidade) tem como fins intrínsecos a produção e a distribuição social do saber reflexo, saber científico, compreendendo as ciências humanas, as ciências da natureza, as artes e as modernas ciências tecnológicas. Fonte do saber reflexo, presta relevante papel na formação de idéi-

as, modelos, valores, normas, critérios de julgamento, na educação de um número sempre crescente de universitários(as) que irão ocupar funções sociais determinantes para a própria sociedade nos seus diversos universos culturais.

A reflexão sobre o ser humano e o mundo fica cada vez mais parcelada em especializações sempre mais distintas, preocupadas em compreender partes específicas do todo, analisadas e interpretadas nos diversos campos das ciências exatas ou das ciências humanas (que adotam sempre mais o rigor e a metodologia científica segundo os seus diversos interesses particulares).

Depreende-se daí que um dos importantes objetivos da universidade hoje é pensar o ser humano como um todo, em sua formação ética e humanista, voltada para o serviço amoroso que construa uma sociedade justa e igualitária.

### **3.1 Humanismo e Cidadania numa Universidade Católica**

Um projeto pedagógico fundado em princípios humanistas que efetivamente incentivem a prática da cidadania: tal projeto deve ser perseguido com o maior empenho possível pelas universidades que professam a fé cristã, como, por exemplo, as Universidades Católicas. Esse empenho deve ser consequência de sua própria identidade.

Segundo a Constituição Apostólica “Ex corde ecclesiae”, alguns elementos fundamentais devem ser ressaltados para identificar uma Universidade Católica <sup>10</sup>:

*Enquanto Universidade, é uma comunidade acadêmica que, dum modo rigoroso e crítico, contribui para a defesa e desenvolvimento da dignidade humana e para a herança cultural mediante a investigação, o ensino e os diversos serviços prestados às comuni-*

*dades locais, nacionais e internacionais;*  
*Enquanto Católica, deve possuir as seguintes características essenciais: 1. inspiração cristã; 2. reflexão incessante, à luz da fé; 3. fidelidade à mensagem cristã; 4. empenho institucional ao serviço do povo de Deus e da família humana.*

Está claro, portanto, que a contribuição das Universidades Católicas à sociedade tem dois importantes objetivos: 1. defesa e desenvolvimento da dignidade humana (compromisso com o humanismo); 2. serviço à comunidade (compromisso com a cidadania). A partir dessa perspectiva humanista e cidadã, tais universidades procuram garantir - sob forma institucional - uma presença cristã no mundo.

Para tanto, “as suas atividades de pesquisa incluirão o estudo dos graves problemas contemporâneos, como a dignidade da vida humana, a promoção da justiça para todos, a qualidade da vida pessoal e familiar, a proteção da natureza, a procura da paz e da estabilidade política, a repartição mais equânime das riquezas do mundo e uma nova ordem econômica e política que sirva melhor a comunidade humana nos níveis nacional e internacional. A investigação universitária será dirigida ao estudo em profundidade das raízes e às causas dos graves problemas do nosso tempo, reservando atenção especial às suas dimensões éticas e religiosas”.<sup>11</sup>

### **3.2 Humanismo e Cidadania na UNICAP**

A UNICAP tem um traço característico que a distingue das demais. “O que distingue nossa Universidade das outras é a sua essência inspirada na visão cristã do mundo e do ser humano. Em quase tudo o mais, coincide com uma concepção humanista da universidade, colocando a pessoa humana acima de qualquer técnica ou mecanismo social que afasta do sentido ético de toda ação produzida pelos seres humanos em sociedade”.<sup>12</sup>

Alicerçada em princípios humanistas e cristãos, comprometida com a construção da cidadania, a UNICAP é uma instituição de ensino superior que há cinquenta anos responde ao desafio de ser universidade católica e inaciana, numa das regiões mais pobres do planeta (nordeste do Brasil).

Fundamentando-se na prática evangélica de promoção da vida, a UNICAP segue a pedagogia inspirada na espiritualidade de Santo Inácio de Loyola (“espiritualidade inaciana”), fundador da Companhia de Jesus, instituição religiosa mantenedora.

*O intuito de tal pedagogia é perseguir continuamente o magis (mais, em maior grau) na formação universitária. Segundo o Pe. Peter-Hans Kolvenbach, Geral da Companhia de Jesus, “o verdadeiro sentido do magis é, antes de tudo, excluir toda aquisição passiva, toda complacência com um sistema educativo que favorecesse a inércia e a preguiça...”, e buscar, no dinamismo da educação inaciana, o ímpeto “que integra de fato a imaginação e as forças físicas, as emoções e as intuições, a inteligência e a memória”. Nessa ótica, a educação inaciana visa à qualidade, à excelência que, sem descartar a busca do sucesso escolar, procura, antes de tudo, num prolongamento do magis, o desenvolvimento máximo dos dons e a capacidade com os quais cada pessoa foi dotada, não para tirar proveito deles egoisticamente, mas para colocá-los o máximo possível a serviço dos demais.*<sup>13</sup>

Nessa perspectiva, a UNICAP, em seus princípios fundamentais, “tem o objetivo de ser uma Universidade de qualidade”, o que requer um tríplice esforço: a) pesquisas voltadas para produção de novos conhecimentos; b) ensino ministrado segundo as melhores técnicas e os currículos atualizados de acordo com os avanços científicos e as necessidades do tempo e da região; c) criatividade e empenho para difundir o conhecimento e a ação em um âmbito maior do que a própria Universidade. A busca da melhor qualida-

de terá como indicadores básicos a vinculação teoria-realidade social e a formação da pessoa humana como ser reflexivo, crítico e com responsabilidade social.<sup>14</sup>

Na busca de concretizar tais objetivos, o Projeto Pedagógico da UNICAP assume os seguintes princípios: primado do ser humano (humanismo social); compromisso social que se expressa primeiramente no compromisso regional; caráter comunitário; indissolubilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Em suma, ao assumir um projeto pedagógico comprometido com os ideais do humanismo e com a prática da cidadania, a UNICAP se inspira na espiritualidade inaciana, cuja meta é dar continuidade à missão de Jesus, o Cristo, princípio e fundamento da experiência de fé vivenciada por Inácio de Loyola.

### **3.3 Humanismo e Cidadania no Departamento de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP**

A UNICAP, buscando dar sua resposta aos grandes desafios da sofrida região nordestina, assume o compromisso com a formação integral dos alunos e alunas. Para tanto, tem-se empenhado em buscar o melhor na formação profissional, dando atenção especial aos valores da solidariedade, justiça e cidadania.

*A reflexão teológica (Teologia) se insere dentro desse projeto pedagógico, pois tem como objetivo despertar para os valores fundamentais da pessoa humana (valores éticos e morais), à luz dos princípios cristãos. Teologia, em seu sentido etimológico, é um termo que vem do grego, desde Platão (428 - 348 ou 347 a.C.): [theós], “deus”; [lógos], “palavra”, “ensino”, “falar”. Teologia é, portanto, a palavra (linguagem que encerra idéia) sobre Deus (o Mistério Profundo que tudo perpassa, o Transcendente<sup>15</sup>).*

Fazer Teologia consiste, portanto, em refletir criticamente - à luz da fé - sobre o sentido da vida, tendo em vista encontrar uma razão (ou razões) para viver e ser feliz. O

específico da Teologia é, portanto, considerar o ser humano no mundo a partir do sentido último, o significado último que vem dar base a todas as demais buscas.

De fato, o ser humano é alguém que interroga. Qualquer um de nós é levado, num momento ou noutro, a fazer-se a pergunta que é sempre imensamente maior do que qualquer resposta: QUEM SOU? DE ONDE VIM? PARA ONDE VOU? Toda a nossa vida é, ao mesmo tempo, pergunta e resposta à questão fundamental do sentido da vida.

As ciências se preocupam mais com a análise de dados, fatos, fenômenos, operações, processos. Nenhuma delas tem por objetivo todos os aspectos da vida e da atuação do homem.

*A teologia, especificamente, se concentra em torno de questões fundamentais, das últimas interpretações, metas, valores, decisões, atitudes. As perguntas do ser humano sobre um derradeiro “por quê?”, “para quê?”, “donde?”, “para onde?”, não podem ser declaradas ilegítimas. Como tais, essas **derradeiras questões** (“questões últimas”) não se referem a um só aspecto da pessoa, mas leva em conta a sua vida como um todo. Por isso procura levar em consideração a contribuição específica de todas as ciências. Quanto mais o teólogo souber o mundo através das ciências naturais, e sobre o ser humano através das ciências humanas, tanto melhor poderá executar a tarefa de teólogo e ajudar a pessoa humana na busca de sentido.*

É dentro dessa perspectiva que o Departamento de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP tem abordado o tema “Humanismo e Cidadania” numa disciplina específica.

Utilizando a mediação da ANTROPOLOGIA TEOLÓGICA<sup>16</sup>, a disciplina aborda questões que procuram aprofundar a relação entre valores humanos e questões socioprofissionais. O intuito é colaborar para o projeto de vida dos(as) estudantes(as) em vias de formação universitária, profissional, ética e cidadã.

Como resultado, o estudo e a pesquisa em torno do tema “humanismo e cidadania” apontam para três elementos importantes:

- (1) a disciplina desperta a atenção para valores fundamentais, nem sempre percebidos no cotidiano ou tratados pontualmente durante o curso;
- (2) a busca de valores fundamentais diante dos grandes desafios do tempo presente pode ajudar a traçar novos caminhos ético-profissionais em meio ao contexto de crise em que vivemos;
- (3) a vocação da universidade é retomada, na medida em que a instituição se ocupa em refletir, numa disciplina específica, sobre o sentido da formação profissional que está sendo construída, buscando despertar para o compromisso comunitário.

## CONCLUSÃO

A vocação humana por excelência é fazer-se humano, buscando a perfeição (santidade), à imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 27). A dignidade humana é construída à medida que, pelo trabalho, cada pessoa contribui com o processo de humanização das demais. De fato, o progresso para a humanidade não é assegurado automaticamente pelo desenvolvimento da ciência, da técnica, da indústria, da economia. Tudo isso é necessário, mas, ao mesmo tempo, a humanidade precisa trabalhar em prol de uma vida humana digna para todos.

Humanistas são pessoas que, provocadas pelos desafios do seu tempo, procuram: a) formular claramente a defesa da dignidade humana, em seus entrelaçamentos com a problemática contemporânea, nos níveis econômico, social, político, cultural e ideológico; b) viver em coerência com tais critérios, ardentemente defendidos.

Cidadãos e cidadãs são as pessoas que assumem o

compromisso de construir o bem comum no meio social em que vivem. É uma atitude política no sentido original da palavra (pólis, do grego, significa cidade).

O contexto em que somos chamados(as) ao exercício da cidadania é profundamente desafiador. “A pobreza e as graves deficiências de nossos países requerem, mais que nunca, uma profunda análise de suas qualidades políticas, econômicas, sociais, culturais e uma sistemática produção de caminhos de solução que passam pela investigação e pelo desenvolvimento da ciência, de tecnologia e de capacidades organizativas, e pela formação de milhares de profissionais capacitados e comprometidos a converter os poderes, haveres e saberes em instrumentos eficazes de libertação dentro de uma cultura humanizadora e aberta a Deus e aos irmãos.”<sup>17</sup>

É nessa perspectiva de abertura a Deus e, conseqüentemente, de compromisso com o Projeto de Deus (projeto de vida em plenitude para todas as pessoas), que se insere a formação humanista no confronto com a reflexão teológica nas Universidades Católicas e na UNICAP.

Os cursos oferecidos pelas Instituições de Ensino Superior devem contribuir não apenas com a formação profissional do(a) aluno(a). Essa é, por sinal, uma tarefa já exercida pelos cursos profissionalizantes.

As universidades devem, além de gabaritar profissionalmente, contribuir com a formação integral dos alunos e alunas, a fim de que possam melhor compreender o universo no qual estão inseridos e, dessa forma, interferir de forma positiva e mais profunda na construção da sociedade.

As universidades de confissão religiosa querem colaborar com essa formação integral, dando uma atenção qualitativa à formação humanista dos seus alunos e alunas, a fim de que ajam consciente e amorosamente em prol do ser humano, por meio da futura profissão em que estão sendo formados(as) no momento.

Que bom podermos fazer alguma coisa nesse sentido!

## Bibliografia

- 1 CURY, Sílvia de Melo Lemos. **A filosofia da fidelidade ao ser:** noções de humanismo. São Paulo: Loyola, 1986, p.46.
- 2 Ibidem, p. 62-63.
- 3 LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. **Dicionário de teologia fundamental.** Petrópolis: Vozes; São Paulo: Santuário; 1994. p. 397. Verbetes humanismo.
- 4 NOGARE, Pedro Dalle. **Humanismos e anti-humanismos.** Petrópolis: Vozes, 1986, p. 15-21.
- 5 SOUZA, Herbert. **Poder do cidadão.** In: O que é cidadania? Revista do IBASE "Democracia", n. 113 / 95. São Paulo: IBASA, 1995.
- 6 Ibidem,
- 7 NOLAN, Albert. **Jesus antes do cristianismo.** São Paulo: Paulinas, 1987, p. 48-49.
- 8 ECHEGARAY, Hugo. **A prática de Jesus.** Petrópolis: Vozes, 1984, p. 62-63.
- 9 Ibidem, p. 119.
- 10 IGREJA CATÓLICA. PAPA (1978- : JOÃO PAULO II). Constituição apostólica sobre as universidades católicas: "Ex corde ecclesiae". Petrópolis: Vozes, 1990. (Documentos pontifícios; 12 e 13). p. 13-14.
- 11 ————. ————. Petrópolis: Vozes, 1990. (Documentos pontifícios; 31, 32). p. 24-25.
- 12 UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO. Carta de Princípios da Universidade Católica de Pernambuco. Recife : UNICAP, 1995. parág. 08.
- 13 KOLVENBACH, Peter-Hans. Educar homens e mulheres hoje no espírito de Santo Inácio. In: **Educação inaciana:** desafios na virada do milênio. São Paulo: Loyola, 1999, p. 16-17.
- 14 UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO. *Op. cit.* parág. 21-22.
- 15 Transcendente / Transcendental: termo que significa que um fenômeno ou realidade supera o mundo empírico ou toda realidade terrestre. Em geral, o usamos em relação à superação de todo criado e, por conseguinte, se identifica com Deus. O termo transcendental indica também o que na ordem do conhecimento antecede toda experiência e é condição dela
- 16 Área da concentração da Teologia que se ocupa fundamentalmente em refletir sobre questões antropológicas, à luz da teologia cristã.
- 17 AUSJAL - Associação das Universidades confiadas à Companhia de Jesus na América Latina. Desafios da América Latina e proposta educativa da Ausjal. 1995. Apresentação, p. III.